
NOTAS PRELIMINARES SOBRE O CONCEITO DE PROGRESSO EM KARL MARX E FRIEDRICH ENGELS

NOTAS PRELIMINARES SOBRE EL CONCEPTO DE PROGRESO EN KARL MARX Y FRIEDRICH ENGELS

INTRODUCTORY NOTES ON THE CONCEPT OF PROGRESS IN KARL MARX AND FRIEDRICH ENGELS

Pedro Leão da Costa Neto¹

Resumo: O conceito de progresso ocupou um lugar central no interior do pensamento histórico e filosófico. Após ter desempenhado um papel positivo e privilegiado na reflexão teórica do século XIX, desde o final daquele século e início do século XX, o conceito de progresso passou a ser objeto de diferentes críticas, até ser nas últimas décadas do século passado totalmente desacreditado pelo pensamento burguês hegemônico. Da mesma maneira, desempenhou um papel relevante na obra de Karl Marx e Friedrich Engels e no interior da tradição marxista, entretanto, a sua sorte não foi muito diferente. O objetivo do presente artigo é tentar identificar a presença, o significado e a importância do conceito de progresso na reflexão dos fundadores da concepção materialista da história e desta forma contribuir para a sua reavaliação.

Palavras-chave: Karl Marx. Friedrich Engels. Progresso. Materialismo Histórico.

Resumen: El concepto de progreso ocupó un lugar central en el interior del pensamiento histórico y filosófico. Después de haber desempeñado un papel positivo y privilegiado en la reflexión teórica del siglo XIX, desde el final de aquel siglo y principios del siglo XX, el concepto de progreso pasó a ser objeto de diferentes críticas, hasta que en las últimas décadas del siglo pasado fue totalmente desacreditado por el pensamiento burgués hegemónico. De la misma manera, desempeñó un papel relevante en la obra de Karl Marx y Friedrich Engels y en el interior de la tradición marxista, sin embargo, su suerte no fue muy diferente. El objetivo del presente artículo es intentar identificar la presencia, el significado y la importancia del concepto de progreso en la reflexión de los fundadores de la concepción materialista de la historia y de esta forma contribuir a su reevaluación.

Palabras clave: Karl Marx. Friedrich Engels. Progreso. Materialismo Histórico.

Abstract: The concept of progress occupied a central place within the historical and philosophical thought. After having played a positive and privileged role in the theoretical reflection of the nineteenth century, since the end of that century and the beginning of the twentieth century, the concept of progress became subject to different criticisms, until in the last decades of the last century completely discredited by bourgeois hegemonic thought. In the same way, he played an important role in the work of Karl Marx and Friedrich Engels and within the Marxist tradition, however, his fate was not much different. The aim of this article is to try to identify the presence, meaning and importance of the concept of progress in the

reflection of the founders of the materialist conception of history and in this way contribute to its reevaluation.

Keywords: Karl Marx. Friedrich Engels. Progress. Historical Materialism.

Um bom conceito
Existem termos que agem por si próprio em modo particularmente
claro. Possuem contornos puros e se deixam convencer sem
dificuldade. (...) A esses pertence em primeira linha o conceito de
progresso, um dos mais importantes na nossa luta e um daqueles que
nós com a manhã temos indubitavelmente ao nosso lado.
Ernst Bloch (2015)

O conceito de progresso é para nós um dos mais caros e
importantes.
Ernst Bloch (2015)

I - Introdução

O conceito de progresso, como todos sabemos, ocupou um importante lugar no interior do pensamento histórico e filosófico. Após ter desempenhado um papel positivo e privilegiado na reflexão teórica do século XIX, desde o final deste mesmo século e início do século XX, o conceito de progresso tornou-se cada vez mais objeto das mais diferentes críticas.² Como não poderia ser diferente, este conceito desempenhou igualmente um papel importante no pensamento de Marx e Engels³ e na tradição marxista. O objetivo do presente artigo não é o de problematizar a história deste conceito em geral, ou mesmo no interior do marxismo⁴; mas procurar indicar, alguns dos momentos e diferentes significados que este conceito assume nas obras de Karl Marx e Friedrich Engels.⁵

Julgamos importante retomar a discussão deste conceito, em um momento no qual o pensamento pós-moderno e, não somente ele, esquece, simplifica e escamoteia o significado desempenhado pelo conceito de progresso e o transforma em uma espécie de espantalho. Neste sentido, podemos aqui reproduzir, a irônica e contundente pergunta do filósofo italiano Livio Sichirollo, enunciada por ocasião da reedição da célebre conferência de Ernst Bloch de outubro de 1955, ‘Sobre o Progresso’: “Porque um escrito sobre o progresso – um conceito que desde alguns decênios tantos ilustres pensadores e históricos contemporâneos julgam estúpido como aquele século XIX que o fez apoteose?” (SICHIROLLO, 2015, 17)

Pergunta, a qual responde de forma clara e convincente:

Acabado os banais e fraquíssimos anos Oitenta, penso que seja apropriado repor em circulação um conceito forte, sustentado por um pensador forte, com algumas ideias e convicções de como deva ou pelo menos de como deveria ser o mundo – entendo a sociedade, a história, nós mesmos. (SICHIROLLO, 2015, 17)

II - A noção de Progresso em Marx e Engels

Mesmo que Marx e Engels não tenham desenvolvido uma análise sistemática do conceito de progresso, não seria arbitrário afirmar a importância e os diferentes sentidos atribuídos a este conceito, pelos nossos dois autores. Se realizarmos, uma investigação introdutória sobre a presença do conceito de

progresso nas obras de Marx e Engels, poderemos constatar, não só a sua reiterada presença em diferentes momentos de seus escritos (desde o início da década de 1840 até os anos 1890), portanto, ao longo de toda a obra dos dois autores, assim como, da importância desempenhada.⁶ É relevante, ainda, observar que Marx e Engels empregam esta noção, não somente na língua alemã (*Fortschritt* e seus derivados), como também em francês (*progrès*) e inglês (*progress*).

Tentaremos na sequência enumerar algumas das passagens aonde esta noção aparece, procurando ressaltar os seus múltiplos e diferentes sentidos. Para isso procuraremos, primeiramente mostrar tanto o papel que ele ocupa na concepção materialista da história, para depois brevemente, destacar o seu sentido teórico mais geral do conceito de progresso na obra dos autores do *Manifesto do Partido Comunista*.

II.1. Progresso, desenvolvimento e História: seu caráter contraditório

Desde o princípio de suas reflexões, como bem observaram e documentaram Koseleck e Meier, Marx e Engels atribuíram uma importância ao conceito de progresso e o associaram a uma concepção da história como movimento e o concebem como processo. (KOSELLECK; MEIER, 2003, 101-102).

Neste sentido, lembram uma passagem dos *Manuscritos Econômico – Filosóficos*, no qual Marx já afirmava:

Para superar o *pensamento* da propriedade privada, basta inteiramente o comunismo *pensado*. Para superar a propriedade privada real, é preciso uma ação comunista *real*. A história a engendrará e aquele movimento, que nós já conhecemos *no pensamento* como superando a si mesmo, na realidade percorrerá um processo muito duro e longo. Mas nós devemos considera-lo um progresso (*Fortschritt*) real pois, desde o início, adquirimos uma consciência tanto da estreiteza como do objetivo do movimento histórico, e uma consciência que o supera. (MARX, 2017, 301)

Neste mesmo ano Engels, em seu artigo sobre ‘A Situação na Inglaterra. A Constituição Inglesa’ para o jornal *Vorwärts*, já sublinhava a importância do conceito: “Se vê que o progresso (*Fortschritt*) é a essência da humanidade, mas não se tem a coragem de proclamar abertamente o progresso (*Fortschritt*).” (MARX; ENGELS, 1976, 539)

Após, o primeiro esboço da concepção materialista da história em a *Ideologia Alemã* a relação entre progresso, desenvolvimento histórico e criação de condições objetivas para a emancipação humana tornam-se ainda mais e estreias e re-aparecem em um conjunto de textos de Marx e Engels.

Em 1847, em a *Miséria da Filosofia*, Marx, o conceito aparece associado a crítica de diferentes concepções românticas do processo histórico, em particular do historiador e economista suíço “que querem retornar à justa proporcionalidade da produção conservando as bases atuais da sociedade” (MARX, 1982, 70) observa de forma contundente:

Na sociedade atual, na indústria fundada nas trocas individuais, a anarquia da produção, que é a fonte de tantas misérias, é ao mesmo tempo, a fonte de todo progresso (*progrès*). Assim, das duas, uma:

- ou se deseja a justa proporção dos séculos passados com os meios de produção da nossa época, e se é simultaneamente reacionário e utopista,
- ou se deseja o progresso (*progrès*) sem anarquia e, neste caso, para conservar as forças produtivas, se é obrigado a abandonar as trocas individuais.

As trocas individuais só são compatíveis com a pequena indústria dos séculos passados, com o seu corolário da “justa proporção”, ou com a grande indústria atual, mas com todo o seu cortejo de miséria e anarquia. (MARX, 1982, 70).

No *Manifesto do Partido Comunista*, em uma passagem que poderia lembrar a hegeliana “astúcia da razão”, Marx afirma:

O progresso (*Der Fortschritt*) da indústria, de que a burguesia é agente passivo e involuntário, substitui o isolamento dos operários, resultante da competição, por sua união revolucionária resultante da associação. Assim, o desenvolvimento da grande indústria retira dos pés da burguesia a própria base sobre a qual ela assentou o seu regime de produção e de apropriação dos produtos. A burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Seu declínio e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis. (MARX; ENGELS, 1998, 51).

Este conceito de progresso irá aparecer, estreitamente relacionado a uma concepção histórica homogênea, com acentuados traços unilineares, aonde o menos desenvolvido tenderia a seguir o caminho do mais desenvolvido⁷ e, portanto, a própria experiência colonial encontraria uma justificativa histórica.⁸ A esta concepção se acrescentava, ainda, uma visão da revolução como um acontecimento eminente.⁹

Marx, em um dos seus escritos mais sistemáticos dedicados a colonização britânica da Índia, ‘Futuros resultados da dominação britânica na Índia’, de 1853, destaca o caráter contraditório do progresso do desenvolvimento histórico afirma:

O período burguês da história está chamado a lançar as bases materiais de um mundo novo; a desenvolver, por um lado, o intercâmbio universal, baseado na dependência mútua do gênero humano, e os meios para realizar esse intercâmbio; e, por outro lado, desenvolver as forças produtivas dos homens e transformar a produção científica em um domínio sobre as forças da natureza. A indústria e o comércio vão criando essas condições de um mundo novo do mesmo modo como as revoluções geológicas criaram a superfície da Terra. E só quando uma grande revolução social se apropriar das conquistas da época burguesa, o mercado mundial e as modernas forças produtivas, submetendo-as ao controle comum dos povos mais avançados, só então o progresso (*progress*) humano deixará de parecer a esse terrível ídolo pagão que só queria beber o néctar no crânio do sacrificado. (MARX; ENGELS, 1980, 511-512)¹⁰

Alguns anos depois, no célebre discurso de Marx, pronunciado no aniversário do jornal cartista *People's Paper* (1856), encontramos novamente este conceito de progresso, no interior de uma exposição do Materialismo Histórico que destaca, igualmente, a ideia da iminência de uma revolução social:

Hoje em dia, tudo parece levar em seu seio sua própria contradição. Observamos que as máquinas, dotadas de maravilhosas propriedades de reduzir e tornar mais frutíferos o trabalho humano provoca a fome e o esgotamento do trabalhador. As fontes de riqueza recém descobertas se convertem, por obra de uma estranha magia, em fonte de privações. Os triunfos da técnica parecem ter sido adquiridos a custa das qualidades morais. O domínio do homem sobre a natureza é cada vez maior; porém, ao mesmo tempo, o homem se converte em escravo de outros homens ou de sua própria infâmia. Até a pura luz da ciência parece não poder brilhar mais que sobre o fundo tenebroso da ignorância. Todos nossos inventos e nosso progresso (*progress*) parecem dotar de vida intelectual as forças materiais, enquanto reduzem a vida humana ao nível de uma força material bruta. Este antagonismo entre a indústria moderna e a ciência, por um lado, e a miséria e a decadência, por outro; este antagonismo entre as forças produtivas e as relações sociais de nossa época é um fato palpável, irresistível e incontroverso. Alguns partidos podem lamentar este fato; outros podem querer desfazer-se dos progressos modernos da técnica de forma a se verem livres dos conflitos atuais; outros podem imaginar que este notável progresso industrial (*a progress in industry*) deve complementar-se com uma regressão política igualmente notável. Pelo que se refere a nós, não nos enganamos a respeito da natureza deste espírito maligno que se manifesta

constantemente em todas as contradições que acabamos de assinalar. Sabemos que para fazer funcionar as novas forças da sociedade se necessita unicamente que estas passem para as mãos de novos homens, e que tais novos homens são os operários. (MARX; ENGELS, 1980, 514).

Entretanto, não será somente “em escritos do seu período de formação” anteriores a *O Capital*, ou “em escritos de ocasião”, que encontraremos repetidas referências ao conceito de progresso. Em uma passagem do parágrafo 5. “O Caráter capitalista da manufatura” do Capítulo XII: Divisão do Trabalho e Manufatura de *O Capital*, Marx afirma:

A divisão manufatureira do trabalho, nas bases históricas dadas, só poderia surgir sob forma especificamente capitalista. Como forma capitalista do processo social de produção, é apenas um método especial de produzir mais valia relativa ou de expandir o valor do capital, o que se chama de riqueza social, “*Wealth of Nations*” etc., as custas do trabalhador. Ela desenvolve a força produtiva do trabalho coletivo para o capitalista e não para o trabalhador e, além disso, deforma o trabalhador individual. Produz novas condições de domínio do capital sobre o trabalho. Revela-se, de um lado progresso histórico (*historischer Fortschritt*) e fator necessário do desenvolvimento econômico da sociedade, e, de outro, meio civilizado e refinado de exploração. (MARX, 1968, 417).¹¹

Entretanto, o desenvolvimento histórico com seus resultados inesperados conduz Marx a uma problematização cada vez mais radical de sua concepção histórica homogênea e unilinear e, esta problematização, em nossa opinião, terá consequências no entendimento que Marx passará a ter do processo histórico em seu conjunto. Entretanto, é importante frisar, esta mudança não vai se expressar em um abandono do uso do conceito de progresso.¹²

Em uma carta a Danielson, 10/4/1879, Marx parece fazer referência não só ao seu caráter contraditório, mas a diferentes vias de progresso:

Os Estados Unidos superaram atualmente a Inglaterra na rapidez do progresso econômico (*ökonomischer Fortschritt*), ainda que, todavia, esteja atrás dela no que se refere ao volume da riqueza adquirida; porém, ao mesmo tempo, as massas são mais perspicazes e possuem em suas mãos meios políticos mais poderosos, para se opor a um progresso (*Fortschritt*) que se realiza às suas custas. Não vejo necessidade de continuar desenvolvendo estas antíteses (MARX; DANIELSÓN; ENGELS, 1981, 128).

Marx em seu Rascunho para a carta a Vera Zasulich, de 1881 – documento, aliás, de natureza excepcional para compreender o seu distanciamento teórico de toda concepção fatalista da história - afirma:

Do ponto de vista histórico, o único argumento sério a favor da *dissolução fatal* da comuna de camponeses russos é este: quando muito. Se encontra em toda parte na Europa ocidental um tipo mais ou menos arcaico de propriedade comum; ela desapareceu com o progresso social (*progrès social*). Por que ela escaparia a esse mesmo destino tão somente na Rússia? Respondo: porque na Rússia, graças a uma combinação de circunstâncias únicas, a comuna rural, ainda estabelecida em escala nacional, pode se livrar gradualmente de suas características primitivas e se desenvolver diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional. (MARX; ENGELS, 2013, 89)

Por fim encontraremos, novamente o conceito de progresso na década de 1890. Engels em sua carta a Danielsón de 18 de junho de 1892 afirma:

Na realidade, creio que coincidimos totalmente sobre os fatos que determinam a atual situação econômica de seu país e sobre a sua importância. Só que aparentemente o senhor levou a sério algumas expressões *irônicas* da minha última carta, especialmente no que se refere a certos fatos que em última instância servem para a causa do progresso da humanidade. De fato, nada existe na história que não esteja ao serviço, por um ou por outro caminho, do progresso da humanidade (*menschlichen Fortschritt*),

porem muitas vezes o rodeio é enorme. E o mesmo pode acontecer com a transformação econômica de seu país. (MARX; DANIELSÓN; ENGELS, 1981, 275).

E novamente em uma carta ao mesmo Danielsón de 17 de outubro de 1893 observa: “Nenhuma grande calamidade histórica deixa de ter por compensação um progresso histórico (*historischen Fortschritt*). O único que varia é o *modos operandi*. *Que les destinées s’accomplissent!*” (MARX; DANIELSÓN; ENGELS, 1981, 306).

Entretanto, para concluirmos esta primeira parte, voltamos ao célebre Prefácio de 1859 – o lugar clássico da exposição da concepção materialista da história, no qual a concepção do progresso aparece indissociavelmente ligada ao processo histórico de sucessão das diferentes formações sociais. Marx observa:

A humanidade só se propõe as tarefas que pode resolver, pois, se se considera mais atentamente, se chegará à conclusão de que a própria tarefa só aparece onde as condições materiais da sua resolução já existem, ou pelo menos, são captadas no processo de seu devir. Em grandes traços podem ser caracterizados, como épocas progressivas da formação econômica da sociedade (*progressive Epochen der ökonomischen Gesellschaftsformation*) os modos de produção: asiático, antigo, feudal e burguês moderno. (MARX, 1974, 136)

II.2 Aspectos teóricos do conceito de progresso

Ao lado das diferentes referências ao conceito de progresso ligada a concepção de processo histórico, que fizemos referência acima, encontramos, itambém, nos escritos de Marx e Engels, uma outra referência ao conceito de progresso, na qual ele adquire um significado teórico mais geral.

Uma importante passagem, encontramos por exemplo em no seu *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*,¹³ aonde irá fazer referência ao conceito de progresso no interior de uma concepção filosófica mais geral. Referindo-se a filosofia de Hegel observa:

O grande pensamento fundamental de que o mundo não é de apreender como um complexo de *coisas* prontas, mas como um complexo de *processos*, onde as coisas, aparentemente estáveis, não passam menos do que as imagens de pensamento delas na nossa cabeça — os conceitos — por uma ininterrupta mudança do devir e do perecer, na qual, em toda a aparente casualidade, e apesar de todo o retrocesso momentâneo, se impõe finalmente um desenvolvimento progressivo (*fortschreitende Entwicklung*) — este grande pensamento fundamental transitou tanto, nomeadamente, desde Hegel, para a consciência habitual que, nesta universalidade, já quase não encontra contradição. Mas, reconhecê-lo em palavras e pô-lo em execução na realidade, em pormenor, em todo o domínio que venha a ser investigado, são duas coisas diferentes. (ENGELS, 1886)

Particularmente importante é a referência crítica ao conceito de progresso compreendido de “forma abstrata habitual” de progresso, que Marx faz no parágrafo 4 da sua Introdução de 1857, Marx faz uma importante observação crítica a noção corrente de progresso:

Relação desigual do desenvolvimento da produção material, face a produção artística, por exemplo. De uma maneira geral, não tomar o conceito de progresso na forma abstrata habitual. (Überhaupt der Begriff des Fortschritts nicht in der gewöhnlichen Abstraktion zu fassen.) Arte moderna, etc. Esta desproporção esta longe de ser importante e tão difícil de apreender como a que a que se produz no interior das relações sociais práticas. Por exemplo, a cultura. Relação dos Estados

Unidos e a Europa. O ponto propriamente difícil nesse caso é discutir o seguinte: de que modo as relações de produção, como as relações jurídicas, seguem um desenvolvimento desigual. Assim, por exemplo, a relação entre o direito privado romano (que não é bem o caso do direito criminal e do direito público) e a produção moderna. (MARX, 1974, 129)

III- Conclusão

Podemos baseado nas referências citadas acima sobre as ocorrências do conceito de Marx e Engels, tentar enunciar algumas observações conclusivas:

Em primeiro lugar, é possível afirmar a presença constante, no conjunto da obra de Marx e Engels, do conceito de progresso, assim como, a sua importância. Em segundo lugar, o conceito de progresso corresponde a uma noção de desenvolvimento e do processo histórico e por fim, em terceiro lugar podemos identificar alguns dos sentidos das suas ocorrências: um primeiro grupo é identificada com o progresso concebido como progresso da indústria ou o progresso econômico, um segundo grupo no sentido de progresso histórico e, um outro ainda que se refere ao progresso social ou progresso da humanidade.

Por outro lado, parece existir uma forte tendência a uma identificação unilateral do conceito marxista de progresso com o conceito liberal de progresso, esquecendo as dificuldades que oferecem a aproximação entre conceitos que pertencem a problemáticas teóricas diversas.

Ao contrário, acreditamos que o conceito de progresso e a seu destino no interior do pensamento marxista, de certa forma, acompanhou as variações do pensamento hegemônico. Neste sentido, julgamos, importante, retornar a ideia de progresso desenvolvida por Ernst Bloch, em meados da década de 1950, que a compreendia de uma forma não gradual, crítica e multilinear. Remo Bodei referindo-se a esta concepção de Bloch afirma: “O progresso não é (...) reconduzível ao mero e indiferenciado transcórrer do tempo cronológico: esse tem necessidade de um *sentido*, de um conteúdo-fim e de uma cronologia ricamente estruturada em um *Multiversum* que evite seja a linearidade seja a ciclicidade das culturas.” (BODEI, 1979, 147)

É com a ajuda de semelhante entendimento do conceito de progresso que procuramos retornar ao(s) seu(s) significado(s) na obra de Marx e Engels.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. Sobre o Conceito de História. In: BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I: Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BLAUBERG, I (Org.) *Dicionário Marxista de Filosofia*. México: Cultura Popular, 1972.
- BLOCH, Ernst. *Sul Progresso*. Milão: Guerini, 2015.
- BODEI, Remo. *Multiversum*. Tempo e storia in Ernst Bloch. Nápoles: Bibliopolis, 1979.
- BRATKIEWICZ, J., *Teoria Przędkapitalistycznej Formacji społecznej w Kulturach Orientalnych*. Wrocław: Ossolineum-PAN, 1989.
- COSTA NETO, Pedro Leão. Marx Tardío: notas introdutórias. In: *Crítica Marxista*, nº 17, Rio de Janeiro: Editora Revan, 2003.

- ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. (1886) 1 Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1886/mes/fim.htm> . Consultado em 18 de fevereiro de 2018.
- ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã*. (1895). Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1850/11/lutas_class/introducao.htm . Consultado em 18 de fevereiro de 2018
- KOSELLECK, Reinhart; MEIER, Christian. *Progresso*. Veneza: Marsilio, 1991.
- LASCH, Christopher. *Il Paradiso in Terra Il Progresso e la sua critica*. Milão: Feltrinelli, 1992.
- LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e Melancolia* O romantismo na contramão da modernidade. Petrópolis: Vozes, 1995.
- LE GOFF, Jacques. *Progresso/Reação*. In. LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.
- MARX Karl; ENGELS Friedrich. *O Manifesto Comunista*. São Paulo: Boitempo editorial, 1998.
- MARX Karl; ENGELS Friedrich. *A Sagrada Família ou A Crítica da crítica crítica contra Bruno Bauer e seus consortes*. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.
- MARX Karl; ENGELS Friedrich. *Lutas de Classes na Rússia*. São Paulo: Boitempo editorial, 2013.
- MARX Karl; ENGELS Friedrich. *Materiales para la Historia de America Latina*. México: Siglo XXI, 6ª ed. 1987
- MARX Karl; ENGELS Friedrich. *Opere III*. Roma: Editori Riuniti, 1976.
- MARX Karl; ENGELS Friedrich. *Sachregister* (Band 1-39). Berlim: Dietz Verlag, 1989.
- MARX, Carlos; ENGELS Federico. *Obras Escogidas I*. Moscou: Editorial Progreso, 1980.
- MARX, Karl. *Manuscrisos Económico – Filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2017.
- MARX, Karl. *Miséria da Filosofia*. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1982.
- MARX, Karl. *O Capital Crítica da Economia Política*. Livro I, Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARX, Karl. *O Capital Crítica da Economia Política*. Livro III Volume 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- MARX, Karl. *O Capital Crítica da Economia Política*. Livro III, Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política*. In. *MARX Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1974.
- POPAIOANNOU, Kostas. *De Marx et du marxisme*. Paris: Gallimard, 1983.
- SHANIN, T. (org.), *El Marx tardío y la vía rusa: Marx y la periferia del capitalismo*. Madrid: Editorial Revolución, 1990.
- SICHIROLLO, Livio. *Premessa*. In. BLOCH, Ernst. *Sul Progresso*. Milão: Guerini, 2015.
- SOREL, Georges. *Les illusions du progrès*. 4. Paris: Slatkine, 1921.
(<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6679c/f11.image.swfv>)
- VEGA CANTOR, Renan. *Elementos para uma crítica marxista del progreso*. In. VEGA CANTOR, Renan. *El Caos Planetario* Ensayos marxistas sobre la miséria de la mundialización capitalista. Buenos Aires: Antídoto, 1999.
- WADA, Haruki: *Marx y la Rusia revolucionária*, In: SHANIN, Teodor. (org.), *El Marx tardío y la vía rusa: Marx y la periferia del capitalismo*. Madrid: Editorial Revolución, 1990.

Notas:

Notas:

- ¹ Professor no Programa de Pós-graduação de Educação da UTP. Doutor em Filosofia pela Universidade de Varsóvia. Áreas de Investigação: Marx e a tradição marxista. Instituições de Ensino Superior de Filosofia no Brasil. Email: pedro.costa@utp.br
- ² Para uma análise da trajetória do conceito de progresso, consultar o verbete “Progresso/Reação” de Jacques Le Goff publicado originalmente na Enciclopédia Einaudi. (LE GOFF, 2003, 235-281). Uma minuciosa análise do conceito de progresso é oferecida por Reinhart Koseleck e Christian Meier (1995), que reproduzem inclusive uma série de passagens nas quais Marx e Engels utilizam esse conceito, em particular, de seus textos de juventude. Uma importante análise crítica do conceito de progresso é encontrada no livro “Il Paradiso in Terra Il Progresso e la sua critica” do historiador americano Christopher Lasch que logo no início do seu trabalho afirma: “Esta investigação teve como ponto de partida uma interrogação só aparentemente simples. Como pode acontecer que pessoas sérias continuam a crer no progresso, apesar das importantes refutações que parecem ter liquidado de uma vez por todas toda validade desta idéia? A tentativa de explicar esta anomalia – a persistência da fé no progresso em um século pleno de calamidades me levou a voltar a século dezoito (...)” (LASCH, 1992, 11)
- ³ Os já citados Reinhart Koseleck e Christian Meier, referindo-se a presença do conceito de progresso nas obras de Marx e Engels, afirmam: “O ‘progresso’ era para Marx e Engels um conceito usual, muitas vezes utilizados em uma posição central. (...) numerosos são os lugares nos quais a expressão designa o crescimento, empiricamente registrável, das forças produtivas, da indústria, da divisão do trabalho ou da acumulação de capital” (KOSELLECK; MEIER, 2003, 101)
- ⁴ Uma análise histórica e sistemática do conceito de progresso no interior do marxismo seria de grande interesse e importância, visto as sucessivas e mais diferentes interpretações que este conceito recebeu ao longo desta história. Se, por um lado, primeiramente a concepção de progresso sofrerá, influenciado pelo positivismo hegemônico, uma forte inflexão evolucionista e fatalista no marxismo da II Internacional, aonde a noção de progresso estará associada a de necessidade e de um esquema de evolução uni-linear. Por outro lado, desde a passagem do século XIX para o século XX este conceito será objeto de inúmeras críticas, a primeira dela na obra de Georges Sorel de 1908, *Les illusions du progrès* (SOREL, 1921); sucessivamente, este conceito encontrará um eco, na versão canônica que servirá de base a diferentes versões manualísticas do marxismo na União Soviética (Blauberg, 1972, 249-250). Entretanto, talvez os documentos mais instigantes sobre essa problemática, no interior do marxismo, sejam, por um lado, as célebres “Teses Sobre o Conceito de História” escritas por Walter Benjamin (1985) nos primeiros anos da II Guerra Mundial que contem uma das mais asperas críticas a “ideologia do progresso” e por outro lado, o artigo de Ernst Bloch (2015) escrito em um momento de intensos debates no início do processo de desestalinização na RDA, aonde aparecerá indissociado do conceito de *multiversum* que permitiria uma crítica as diferentes concepções lineares de progresso e desenvolvimento. Para uma análise do conceito de progresso na tradição marxista, a partir de uma posição distinta do nosso artigo, cf. o artigo do pensador colombiano Renan Vega Cantor (1999) “Elementos para uma crítica marxista del progreso” (VEGA CANTOR, 1999, 97-166). Para uma outra análise crítica do conceito de progresso na obra de Marx e Engels, a partir de uma “sensibilidade romântica”. (LÖWY; SAYRE, 1995, 133-148) Agradecemos, ao Professor Robespierre de Oliveira, termos chamado a atenção para o texto de Vega Cantor.
- ⁵ Para uma ideia da extensão da utilização do conceito de *Fortschritt* (em suas diversas aparições) em Marx e Engels, consultar o Índice de Matérias dos volumes 1-39 da *MEW* (MARX; ENGELS, 1989, 214-215). Portanto, uma análise exaustiva deste conceito na obra de Marx e Engels, não seria possível nos limites desse artigo, antes de tudo, por questões de linguagem.
- ⁶ Distanciamos-nos, portanto, claramente da opinião desenvolvida por Le Goff, que no seu artigo citado, faz a seguinte afirmação: após afirmar: “A ideia do progresso não parece exercer um papel importante no pensamento de Marx”, o historiador francês reproduz uma passagem de “O Fetichismo da mercadoria”, na qual Marx utiliza o conceito de desenvolvimento e na qual o historiador francês parece encontrar uma boa definição para o que seria progresso em Marx. (LE GOFF, 2003, 261). Por seu lado, Vega Cantor após citar a mesma passagem de *O Capital* atribui a passagem de Le Goff um sentido aprobatório: “O historiador Jacques Le Goff, que pensa que o progresso não é uma questão relevante para o pensamento de Marx, considera que essa ideia de um ‘desenvolvimento prolongado e tormentoso’ é uma excelente definição do que é progresso.” (VEGA CANTOR, 1999, 102). Marx, nesta referida passagem na qual paradoxalmente não utiliza o conceito de progresso, mas sim de desenvolvimento histórico (*Entwicklungsgeschichte*), afirma: “A estrutura do processo vital da sociedade, isto é, do processo da produção material, só pode desprender-se do seu véu nebuloso e místico, no dia em que for obra de homens livremente associados, submetida a seu controle consciente e planejado. Para isso, precisa a sociedade de uma base material ou de uma série de condições materiais de existência, que, por sua vez, só podem ser o resultado natural de um longo e penoso processo de desenvolvimento.” (MARX, 1968, 88) Acreditamos, que apesar da indissociabilidade teórica entre ambos conceitos, eles não podem ser identificados.
- ⁷ Talvez uma das expressões mais claras desta concepção homogênea da história, encontramos no Prefácio a Primeira edição de *O Capital*: “(...) De te fabula narratur! [A história é a teu respeito.] Intrinsecamente, a questão que se debate aqui não é o maior menor grau de desenvolvimento dos antagonismos sociais oriundos das leis naturais da produção capitalista, mas estas leis naturais, estas tendências que operam e se impõem com férrea necessidade. O país mais desenvolvido não faz mais que representar a imagem futura do menos desenvolvido” (MARX, 1968,)
- ⁸ Em inúmeras escritos dos anos 1848 – 1849, de acordo com esta perspectiva, Engels chega a identificar as aventuras coloniais, como a invasão americana do México (MARX; ENGELS, 1987, 183) e a colonização francesa da Argélia (ENGELS Apud: POAIOANNOU, 1983, 550) como exemplos representativos do progresso histórico e civilizatório.
- ⁹ Engels em seu, discutido e muitas vezes utilizado de forma manipulatória, Prefácio a Segunda edição de *Luta de Classes na França* observa: “(...) A história não deu razão. Mostrou claramente que nessa altura o nível do desenvolvimento econômico de modo algum estava amadurecido para a eliminação da produção capitalista. Demonstrou isto por meio da revolução econômica que alastrava por todo o continente desde 1848 e fizera a grande indústria ganhar pela primeira vez foros de cidadania em França, na

Áustria, na Hungria, na Polónia e ultimamente na Rússia, e, além disso, tornara a Alemanha num país industrial de primeira categoria. E tudo isto sobre fundamentos capitalistas que, em 1848, ainda tinham grande capacidade de expansão.” (ENGELS, 1995)

¹⁰ Algumas páginas antes, Marx observava: “A indústria moderna, levada para a Índia através das estradas de Ferro, destruirá a divisão hereditária do trabalho, base das castas hindus, esse o principal obstáculo para o progresso e o poderio da Índia.” (MARX; ENGELS, 1980, 510.)

¹¹ Em uma passagem, do Capítulo XIII: Natureza da Lei (da Parte Terceira: Lei: Tendência a Cair da Taxa de Lucro) do Livro III de *O Capital*, Marx re-afirma a relação entre o progresso da produtividade do trabalho e caráter contraditório do desenvolvimento capitalista: “A tendência gradual, para cair, da taxa geral de lucro é portanto apenas *expressão, peculiar ao modo de produção capitalista*, do progresso da produtividade social do trabalho (*fortschreitende Entwicklung der gesellschaftlichen Produktivkraft der Arbeit*).” (MARX, 1974, 243). No mesmo sentido, Marx se expressará no capítulo XLV: A Renda Fundiária Absoluta, referindo-se a composição do capital nos diferentes ramos de produção e na indústria da mineração em particular, observa: “(...) aí também se pode medir o progresso (*Fortschritt der Entwicklung*) da produtividade pelo crescimento relativo do capital constante, em confronto com o capital variável”. (MARX, 1974, 873).

¹² Infelizmente não podemos aqui aprofundar a discussão da especificidade teórica do, assim chamado, Marx Tardio, para maiores informações sobre esta questão: Para uma discussão mais detalhada consultar (SHANIN, 1990; COSTA NETO, 2003).

¹³ Encontramos, entretanto, já em *A Sagrada Família*, no interior da sua crítica aos jovens hegelianos, de 1844, referências ao conceito de progresso (MARX; ENGELS, 2003, 99ss)

Recebido em 01/04/2018

Publicado em 05/2018